

ROBERTA MEZZABARBA

**A LONGA SOMBRA
DE UM SONHO**



R
MEZZABARBA



Título | A Longa Sombra de Um Sonho
Autora | Roberta Mezzabarba

© 2021 – Todos os direitos reservados a autora

O Autor detém todos os direitos do mesmo de forma exclusiva.
Nenhuma parte deste livro pode, portanto, ser reproduzida sem o consentimento prévio da Autora.

Capa: Foto – Antonio Guillem © Dreamstime
Primeira edição novembro 2017
Segunda edição novembro 2021

Roberta Mezzabarba

**A LONGA SOMBRA DE UM
SONHO**

Romance

Traduzido de Dilaine Ester Freitas Lopes



Para minha avó Giacinta,
agora uma doce lembrança,
que me ensinou
a não desistir.
Nunca.

PRIMEIRA PARTE

“Porque o homem se gaba de possuir
uma sensibilidade mais alta
ao que os animais mostram?
Isso apenas o torna mais orientado para a necessidade.
Se nossos impulsos se limitassem à fome,
sede e desejo seríamos quase livres,
em vez disso, cada rajada de vento,
cada palavra dita ao acaso
ou a cena que evoca em nós
nos toca profundamente”

(Mary Shelley)

Um

Já estava tarde para sentar-se nos degraus da Catedral, mas Greta não se cansava de se sentir abraçada por aquela praça, livre para poder admirar indefinidamente as janelas gradeadas do Paço Pontifício. Eles eram um show como poucos quando o sol vermelho do pôr-do-sol afinava ainda mais sua textura esbelta. À primeira vista, poderiam parecer esculturas preciosas, trabalhadas pelas mãos delicadas de bordadeiras experientes, mas nada mais eram do que o resultado da força e precisão dos braços poderosos e dedos hábeis dos canteiros de Viterbo que com sua arte conseguiram domar a dureza aparente do peperino fazendo com que tomassem as formas que mais desejassem.

Tudo era mágico naqueles momentos.

Greta trabalhava em Viterbo há mais de cinco anos como secretária de um notário. Amava a sua pátria adotiva, as ruas estreitas do centro histórico em calçada portuguesa, as fontes presentes em todas as praças, os profferli que com a sua arquitetura refinada serviam de ligação entre a rua e o primeiro andar das casas pré-renascentistas; amava aquele ar de paz que reinava no campo não muito longe da cidade. Apesar de tudo isso, como uma verdadeira siciliana, ela não conseguia ficar longe da água, o elemento preferido de Greta e que considerava quase indispensável para sua sobrevivência. Depois de fugir de Acicastello, ela permaneceu por um curto período em Roma, onde trabalhou em uma lanchonete, mas depois procurou praias mais tranquilas. Havia fixado residência em Capodimonte, uma pequena cidade não muito longe de Viterbo, banhada pelas águas do lago Bolsena.

Aquela estupenda extensão de água, com as suas duas ilhas sempre presentes como guardiãs, a atraía desde o primeiro momento, enfeitiçando-a imediatamente.

Já estava ficando tarde e Greta teve que ir para casa, mas primeiro teria que ir ao tabelião De Fusco, seu empregador, para coletar alguns papéis que deveria entregar ao dono de uma das duas ilhas do Lago Bolsena, a ilha Bisentina: estava entusiasmada com o fato de que no dia seguinte com um pequeno barco chegaria àquela ilha que havia despertado sua curiosidade desde o primeiro momento em que vira, e ela poderia ver com seus próprios olhos aquilo que só tinha ouvido falar.

O tabelião De Fusco era um homem gordinho, na casa dos sessenta anos, com poucos cabelos e olhar vago, sério no trabalho, mas certamente não animado. “Ele é um bom homem”, pensou Greta, “mas tem medo de sua própria sombra e esse talvez fosse seu pior defeito.”

Greta lembrou quando, anos antes, folheando um jornal local em busca de emprego, nas páginas dos classificados, ficou impressionada com o caráter telegráfico de sua mensagem “*Procuro por: Seriedade e vontade de trabalhar.*”

Ele era assim.

“Então, senhorita Greta, estamos de acordo. Amanhã de manhã você irá até o Príncipe del Drago no barco daquele pescador que já contatei, lerá para ele as escrituras de venda uma a uma, fará com que ele assine. Deixe uma cópia para ele e traga uma de volta. Por favor, seja educada, mas não cerimoniosa, muito nunca é adequado para situações desse tipo.”

Já vinha repetindo três ou quatro vezes para Greta a lição sobre o que e como fazer uma operação que ela conhecia perfeitamente, mas estava visivelmente nervoso com o sucesso daquele grande negócio. Para ele, o fato de um grande latifundiário como o Príncipe del Drago o ter escolhido

entre todos os notários da zona, para pôr em ordem os seus negócios imobiliários, representava certamente motivo de orgulho, também e sobretudo, para aqueles colegas que, como dizia quando estava no clima de confidências, aceitou o emprego apenas como forma de ganhar a vida.

Saindo pela porta do prédio onde ficava seu escritório, com um flagrante maço de papéis encerrado na bolsa preta de couro que o tabelião lhe emprestara para a ocasião, Greta encontrou um ar cintilante que parecia querer acompanhá-la até o ponto de ônibus, como teria feito uma companheira fiel, pronta para ouvir suas aventuras do dia que acabava de terminar.

* * *

Quando finalmente chegou a hora de descer do ônibus, o sol havia acabado de se pôr, e em seu lugar havia um leve rubor no céu que espelhava sombras de sangue no lago que parecia ter sido ferido pelo rastro deixado por algum barco de pesca perdido no retorno da colocação das redes. As duas ilhas se destacavam no horizonte tão escuras quanto a noite.

A Rocca di Capodimonte, que dominava o lago desde a pequena península onde se situava a parte mais antiga da cidade, destacava-se com a sua soberba figura poligonal. A floresta que coroava a fortaleza, com suas magnólias frescas e brilhantes, palmeiras e loendros rosados, certamente foi projetada para reduzir virtualmente a visão da altura dos grandes esporões que a sustentavam, fortaleza, de longe, mas sua presença embelezava ainda mais o quadro. Greta voltou para casa pensando na primeira vez que visitou aquele prédio. Lembrou-se do pátio, com suas portas, das janelas, com a tripla loggia projetada por Sangallo, lembrou-se dos apartamentos superiores alcançados por um cordão provavelmente também praticado antigamente por cavalos, lembrou-se de subidas longas, retas e obscuras.

Tudo estava deserto na velha fortaleza e, embora de cada janela, de cada buraco, o lago transbordasse de cores esplêndidas, não sentia que a tristeza vazava das paredes que outrora acolheram o esplendor e o luxo das famílias nobres e que agora eles viveram anos de solidão.

Ainda que na melancolia daquelas lembranças, os pensamentos de Greta já corriam para o dia seguinte, quando finalmente poderia ir para a Ilha Bisentina, um pedacinho de terra, mas tão fascinante que ocuparia todos os seus pensamentos naquela noite.

Mantendo os olhos no lago, subiu a encosta íngreme pavimentada com paralelepípedos cinzentos, que levava à parte mais alta da cidade, onde ficava sua casa. Greta conhecia as ruelas íngremes e sinuosas cheias de escadas, muros baixos, arcos de sustentação com as casas à sua frente construídas com a pedra escura do lugar, por vezes atravessadas por lúgubres halls de entrada, ou animadas pela nota vermelha de uma banda ou de retalhos de tijolos simples. Ela conhecia o perfume dos mil vasos e potes cheios de ervas e flores que se debruçavam nas janelinhas, ou colocados para enfeitar algum sacrário nos cantos das casas. De repente, saindo da contemplação daquele idílio despretenso na sua simplicidade, sentiu-se abordada por alguém cuja sombra se estendia junto à sua.

“Boa noite senhorita Greta, você voltou muito tarde esta noite. Você trabalha demais.”

Um sorriso largo, cercado por milhares de pequenas rugas esculpidas no rosto queimado de sol. Assim era o vizinho de Greta, Giacomo, o velho pescador.

“Sr. Giacomo, o senhor realmente me assustou! Quem sabe quem pensei que fosse, a esta hora... Esta noite a minha cabeça está noutra parte, parece-me que já estou no meio do mar.”

Continuaram por um trecho da estrada, lado a lado, sem dizer uma palavra, cada um imerso em seus próprios pensamentos, Greta com a maleta cheia de documentos agarrada na mão direita e Giacomo com uma cesta cheia de delícias de sua horta: cenouras afiladas, tomates vermelhos e suculentos, batatas amarelas, pêssegos com casca rosada e aveludada e ovos ainda quentes. Acima dos produtos da horta, Giacomo havia colocado um buquê de flores, habilmente amarrado por um galho nodoso. Zínias coloridas, ásteres delicados e gladiolos recém-floridos. Eles já haviam chegado à praça. Giacomo gostaria de dar a Greta aquela cesta com produtos de sua horta, mas a moça nunca quis aceitar nada dele, respondendo que o fato de ele deixá-la ocupar aquela casinha deliciosa em troca de um aluguel baixíssimo já era um presente grande demais para uma estranha.

“Gostaria que aceitasse esta cesta, senhorita Greta. Chegou a hora de você também conhecer os frutos da minha horta. Por favor, estou sozinho e sempre sobra legumes. Não é um sacrifício para mim, pelo contrário, seria é um prazer.”

“Está bem, Sr. Giacomo, aceito o seu presente com grande prazer, esperando que venha jantar comigo esta noite. Tenho certeza que com toda esta bondade até alguém como eu poderia preparar uma iguaria com todas essas guarnições.”

Nesses tempos Greta sentia-se um pouco melancólica, e talvez lhe fizesse bem dividir a mesa com aquele velho alegre de cabelos brancos.

Greta começou logo a cozinhar e em pouco mais de uma hora já tinha preparado a comida e posto a mesa para dois. Parecia estranho para ela dividir a mesa com outra pessoa, depois de quase seis anos de solidão. Ela foi até a porta para chamar seu vizinho.

Ele sentiu-se feliz.

Giacomo, que para ela representava o avô que ela não tivera a oportunidade de conhecer, colocara para aquela ocasião sua roupa de festa, com o corpete por baixo do paletó, e até alisara os cabelos.

Os dois sentaram-se à mesa um pouco constrangidos: Greta preparou uma omelete com batatas, salada de tomate e cenoura e uma salada de pêssegos, e teve o cuidado de colocar uma jarra cheia de água no centro da mesa com o flores. Giacomo comeu tudo com apetite. Também para ele fazia muito tempo que não dividia uma mesa com alguém. Dissera a Greta em lágrimas que sua esposa havia morrido de tuberculose vinte anos atrás. “Ele devia ser muito chegado à mulher”, pensou Greta, enquanto Giacomo lhe falava dela, descrevendo sua mansidão de espírito, olhando para um ponto do infinito à sua frente.

Por um momento, os pensamentos da moça cruzaram o tempo e o espaço, trazendo-a de volta à sua Sicília, reacendendo nela o desejo dominador de voltar. Embora tenha sido apenas um flash que cruzou o negro de seus olhos, não escapou de Giacomo.

“Você não está muito feliz, está? Poucas vezes eu vi você sorrir e pensar que quando você sorri fica tão bonita.”

Greta baixou os olhos, e um rubor agora iluminava suas maçãs do rosto. Era verdade, ela não estava nada feliz.

Não conseguia encontrar estabilidade em sua alma, não conseguia encontrar paz nem nos dias mais tranquilos. Certamente teria sido muito mais fácil nunca pensar no que tinha acontecido, a melhor solução era esperar que o tempo passasse na esperança de esquecer e voltar ao que era antes, a garota que frequentou a Universidade de Catânia, aquela que nem mesmo sabia quem era Alberto.

Não havia outro remédio.

Tudo passaria, mas quanto tempo levaria?

Dois

Na manhã seguinte, Greta levantou cedo e até a hora marcada para o embarque perambulou pela avenida que margeava a lagoa por quase dois quilômetros. O sol de junho acabava de nascer e já brilhava entre as folhas cheias de brotos floridos dos antigos olmos, com troncos e copas gigantes, que pareciam alinhados em fila dupla para acompanhar a garota em sua jornada.

Enquanto seus pés se moviam um após o outro, seus olhos só tinham olhares para aquela ilha que parecia tão selvagem e que ela logo visitaria.

Na tranquilidade daquele amanhecer rosado, ela pensou na noite feliz que passara na companhia de Giacomo. Por um momento, com aquele simpático velhinho, se lembrou o que significava dividir o teto com outras pessoas, e junto com essas sensações ressurgiu a saudade de voltar para casa, tão intensa que ainda lhe permanecia nos ossos. Mas teve medo até de pensar em ter que enfrentar aquele de quem ela havia escapado, seguindo o impulso de um momento.

Às oito horas, Greta já estava no pequeno porto de Capodimonte. Parada no cais, segurando a maleta preta, cheia de documentos, como se fosse seu único passe para o céu. Observou os pequenos barcos atracados no cais e pensou que depois da viagem de balsa, com a qual deixara a Sicília para trás, não tivera mais a oportunidade de navegar. Emergiu das ondas de pensamentos, chamada de volta à realidade pelo som de passos atrás dela.

Um rapaz de corpo esguio vinha em sua direção, mordendo vigorosamente uma maçã.

“Bom Dia, senhorita. Meu nome é Ernesto e devo levá-la à Bisentina. Se estiver tudo bem para você, eu gostaria que fôssemos imediatamente.”

Como o velho Giacomo, ele também tinha o rosto marcado pelas carícias do sol, sobre o qual se destacavam dois olhos de uma cor indecisa entre o castanho e o verde.

Greta não disse uma palavra. Nesse ínterim, sem esperar a resposta dela, o barqueiro já havia subido no pequeno barco a motor branco, e se atrapalhava com as cordas que o haviam mantido firmemente amarrado ao píer até pouco tempo antes. Ainda de pé no cais, a bolsa ainda apertada na mão direita, Greta olhou para as mãos do estranho, seus braços musculosos, seus ombros sólidos. Então, de repente, Ernesto voltou-se para ela: o sol que brilhava atrás dele esculpia a figura seca. A garota poderia encontrar aqueles olhos novamente. Ele estendeu a mão para ela, sorrindo para ajudá-la a descer no barco, como se dissesse para ela não ter medo. Greta agarrou-o e provou seu calor seco e firmeza.

Ela estava em um barco novamente.

Olhando sob a quilha do pequeno barco, ela foi imediatamente atingida pela vegetação que balançava lentamente sob a água. Parecia uma floresta submersa nas profundezas do lago. Ernesto, vendo-a tão atraída por aquela estranha vegetação, apressou-se em dar-lhe uma explicação, embora ela ainda não tivesse pedido nada.

“Tem muitas plantas que fervilham nas águas do lago. Há o graminaccio, a scopuccia e a spumatella que, como algumas mulheres, é ao mesmo tempo espinhosa e frágil. Infelizmente hoje não é possível ver loglia e moracia que crescem apenas na primavera. O joio põe a cabeça para fora da água para colocar as orelhas pequenas ao sol, como só uma mãe faria com seus filhotes. Até a moracia faz o mesmo com suas folhas que têm uma cor

verde-azulada, e as flores de uma cor vermelha, mas encontrá-la é um verdadeiro milagre.”

“Nunca tinha visto tal coisa. Essas plantas só crescem onde a água é rasa?”

“Certamente não. Ouvi dizer que o crepitar cresce nas profundezas, tanto que nós, pescadores, quando encontramos os fios das redes rasgados, entendemos que ultrapassamos a orla da praia pescável.”

Os dois jovens pareciam unidos pela água, o que os deixava à vontade, na água eles se entendiam, parecia que sempre se conheceram. Ernesto roubou de lado imagens de Greta com os cabelos soltos que o vento despenteava com seus mil dedos.

Um sopro de vento leve moveu o lago, ondulando-o com ondas baixas e muito grandes que quebravam sob a proa com o som de leves batidas.

Ao largo da costa, Greta finalmente conseguiu descobrir o lago em toda a sua vastidão. O anel de colinas que o continha, ela havia lido em um livro, media mais de quarenta quilômetros. Sua vastidão era impressionante.

“Mas é mesmo verdade que o Lago Bolsena é o maior lago vulcânico da Europa?” – Greta estava ansiosa por explicações.

“Claro, é pura verdade, mas você ainda não acha que um único vulcão poderia ter uma boca tão grande. Alguns estudiosos imaginaram, e parece ser verdade que todas as depressões e sinuosidades presentes nada mais são do que o testemunho de que havia pelo menos três bocas de vulcões lado a lado. Você também sabia que o ponto mais profundo do lago fica entre as duas ilhas, e que mede quase cento e cinquenta metros? Mais do que a cúpula de São Pedro.” – Ernesto disse sério, empenhado em sua tarefa de Cícero.

Greta ficou maravilhada com a quantidade de coisas que aquele rapaz de cara bronzeada sabia.

As ondas que moviam o lago se desfaziam em uma miríade de menores que acabavam sendo esmagadas pela proa do barco, lembrando a Greta um barulho de palmas.

Enquanto isso a ilha se aproximava, cada vez mais perto.

E talvez pelo movimento do barco na água, talvez pelas ondas, ou talvez pelo leve balanço das árvores da margem, surgiu nos olhos de Greta a ilusão de que a ilha se aproximava do barco, como se viesse ao encontro de seu desejo de conhecê-la.

Avançando cada vez mais, Greta viu surgir uma cúpula imponente e sugestiva em meio à densa vegetação arbórea. Eles haviam chegado.

Ernesto conduziu a lancha por uma multidão de juncos baixos que emergiam da água, que crepitavam à medida que o barco passava, para entrar num canal que os conduzia ao pequeno porto da ilha. Foi coberto por um dossel Art Nouveau, que veio da Exposição Internacional de Turim de 1911.

Ali é o lugar dos desejos de Greta, ela finalmente o alcançou.

Enquanto isso, Ernesto já havia saído do barco e estava amarrando suas cordas no pequeno píer. E, enquanto ajudava Greta a sair do barco, certificou-se de que a viagem não a havia perturbado, depois piscou um sorriso.

“Senhorita, quando quiser voltar, estarei aqui esperando por você.”

Fazia alguns segundos que Greta pisava na terra da ilha Bisentina, e já sentia o sangue fervendo em suas veias, seu espírito de ilhéu ressurgindo do fundo de suas memórias fazendo-a sentir-se viva.

Pensar em si mesma novamente em um pedaço de terra, isolada na água, a encheu de emoção.

Todas as árvores estremeciam com a brisa perfumada que vinha do lago, que cheirava a água límpida e resina, enquanto por toda parte seus olhos

viam arbustos floridos, borboletas coloridas e pássaros alegres cantando.

Na confusão de todas as sensações que a percorriam, Greta não notara um homem distinto, vestido de libré vermelho, que provavelmente a esperava.

“Você deve ser a senhorita Greta Capua, secretária do doutor De Fusco. Venha, siga-me, o príncipe já está esperando por você na vila.”

Greta notou que ele tinha um comportamento distante, mas rapidamente justificou em sua mente pensando que seu senhor não permitia que ele se socializasse com seus convidados.

Sem sequer esperar um aceno de assentimento, o mordomo atravessou o gramado, com sapatos brilhantes, virando à esquerda. Assim que passaram pela alta sebe de loureiros, o grande jardim italiano abriu-se à sua vista. Este era composto por um retângulo dividido em três quadrados, cada um dos quais incluía uma bacia central emoldurada por canteiros regulares de buxo. Além da alta sebe de loureiros estendia-se um prado muito verde, ladeado por um bosque de amieiros e choupos muito altos. Continuaram, e depois de algum tempo Greta viu o mosteiro transformado numa vila sem muitas alterações, sobre o que lera em vários textos da biblioteca municipal de Viterbo, com paredes nuas, pequenas portas e janelas. A igreja adjacente à vila, dedicada a St. Giacomo e Cristoforo, era a maior da ilha. Tinha formas, ao mesmo tempo simples e grandiosas, nas quais alguns entusiastas da arte reconhecem uma sobriedade e temperança que Vignola mais tarde perdeu. A igreja tinha planta em cruz latina com três altares nos braços superiores, no encontro dos quais se erguia a alta cúpula octogonal coberta externamente com placas de chumbo. Em frente a este imponente edifício, um grupo austero de pinheiros antigos se erguia no céu e, abaixo, entre os troncos seculares, o lago brilhava em silêncio.

Olhando em volta, Greta viu um prado grande e ligeiramente inclinado, onde se dizia que lebres e faisões fervilhavam; com aquela visão sentiu

crescer nela o desejo de passear pela ilha, sentiu a necessidade de sonhar sem fingir nada procurar, nem saber nada da história ou da arte presente na ilha.

Ela só queria poder sonhar em estar em sua ilha, sem ter que pensar em mais nada.

Mas a voz do mordomo, um pouco enervada pelo fato de ter que chamar de volta aquela garota que parecia estar com a cabeça nas nuvens, de repente a trouxe de volta à realidade, lembrando-a da papelada que ela tinha que fazer com que o príncipe assinasse. Ele respirou fundo, enchendo os pulmões de ar e se forçou a pensar apenas no trabalho sem mais distrações.

Ela não havia acabado de ter esse pensamento quando um homem de seus quarenta anos, vestindo um paletó azul e uma gravata bem amarrada sobre a camisa branca, após ter acariciado a grande cabeça de um gigantesco São Bernardo (que Greta descobriu mais tarde se chamar Gino) , caminhava em sua direção, enquanto o mordomo, depois de estudá-la por mais alguns segundos, voltava para a vila.

“Bem-vinda senhorita Cápua, sua beleza empalidece minha humilde morada.”

Ele tinha uma voz persuasiva, cada palavra sua parecia quase pronunciada entoando as notas de uma música suave. O príncipe Fieschi Ravaschieri del Drago era verdadeiramente um espírito nobre. Greta deslumbrou-se imediatamente, antes mesmo quando ele ergueu a mão direita dela insinuando um galante beijo.

Ela estava corando.

“É um prazer conhecê-lo, Príncipe, e trago-lhe também saudações do tabelião De Fusco. Tenho comigo as escrituras de venda que vamos ler juntos, e se tudo estiver do seu agrado o senhor as assina, deixo-lhe uma cópia e levo-a comigo para arquivo no Registo de Imóveis.”

Greta dissera a frase inteira sem sequer respirar, olhando nos olhos do homem à sua frente. Ela sentiu uma leve inveja dele, já que ele era o dono da ilha. Teria sido o seu maior sonho ter um refúgio próprio, quanto mais se fosse uma ilha!

“Hoje é um lindo dia, e não gostaria de carregá-lo dentro das paredes sombrias de minha casa. Gostaria de ir para a beira do lago, onde nenhum dos meus servos poderá nos perturbar.” – Greta assentiu como se estivesse enfeitiçada pela voz daquele encantador.

Passaram por frondes de salgueiros-chorões, louros perfumados, olmos duros e severos, choupos brancos e frondes que faziam música com o seu estremecimento, até chegarem à coroa de amieiros que parecia seguir a costa, quase afundando as raízes na água. Algumas daquelas árvores curvavam-se sobre o espelho d'água até que seus galhos e folhas estivessem quase molhados. O silêncio era quebrado apenas pelo coaxar raro e desigual das rãs nos juncos.

À sombra desse paraíso havia uma mesa redonda de pedra e quatro banquinhos.

Eles se sentaram.

* * *

O Príncipe fechou a caneta-tinteiro depois de terminar de assinar os papéis que Greta virava quase sem olhar, tão bem os conhecia.

“Agora cumprimos o nosso dever, não acha que merecemos um belo passeio pela ilha?”

Greta não pediu nada melhor e confessou ao Príncipe que sempre foi muito fascinada pela ilha desde o primeiro momento em que chegou a Capodimonte.

As portas daquele magnífico templo da natureza e da arte se abriram diante de Greta que, incrédula, flutuava em seus sonhos que estavam prestes

a se realizar.

* * *

Enquanto esperava, Ernesto havia se estendido no cais, tinha entre os lábios um raminho de erva que lhe deixou um gosto acre na boca.

Estava pensando em Greta. Garota estranha.

Tão fechada no primeiro impacto, mas tão falante em contato com a água. Ávida por novidades e curiosidades, como uma criança, mas com uma beleza soberba mal disfarçada pela sua ostentação de simplicidade.

Que olhos escuros ela tinha, negros como a noite, profundos como o lago.

You've Just Finished your Free Sample

Enjoyed the preview?

Buy: <http://www.ebooks2go.com>